

B O A N O V A

I

BOA NOVA

Os historiadores do Imperio Romano sempre observaram com espanto os profundos contrastes da gloriosa época de Augusto.

Caio Julio Cesar Otavio chegara ao poder, não obstante o lustre de sua notável ascendência, por uma série de acontecimentos felizes. As mentalidades mais altas da antiga República não acreditavam no seu triunfo. Aliando-se contra a usurpação de Antônio, com os próprios conjurados que haviam praticado o assassinato de seu pai adotivo, suas pretensões foram sempre contrariadas por sombrias perspectivas. Entretanto, suas primeiras vitórias começaram com a instituição do triunvirato e, em seguida, os desastres de Antônio, no Oriente, lhe abriram inesperados caminhos.

Como se o mundo pressentisse uma abençoada renovação de valores no tempo, em breve, todas as legiões se entregavam, sem resistência, ao filho do soberano assassinado.

Uma nova era principiara com aquele jovem energico e magnanimo. O grande imperio do mundo, como que influenciado por um conjunto de forças estranhas, descansava numa onda de harmonia e de jubilo, depois de guerras seculares e tenebrosas.

Por toda parte levantavam-se templos e monumentos preciosos. O hino de uma paz duradoura

comegava em Roma para terminar na mais remota de suas provincias, acompanhado de amplas manifestações de alegria por parte da plebe anonima e sofredora.

A cidade dos Cesares se povoava de artistas, de espíritos nobres e realizadores. Em todos os recantos, permanecia a sagrada emoção de segurança, enquanto o organismo das leis se renovava, distribuindo os bens da educação e da justiça.

No entanto, o inesquecível Imperador era franzino e doente. Os cronistas da época referem-se, por mais de uma vez, às manchas que lhe cobriam a epiderme, transformando-se, de vez em quando, em dartros dolorosos. Otavio nunca foi senhor de uma saúde completa. Suas pernas viviam sempre enroladas em faixas e sua caixa torácica convenientemente resguardada contra os golpes de ar que lhe motivavam incessantes resfriados. Com frequência, queixava-se de enxaquecas, que se faziam seguir de singulares abatimentos.

Não somente nesse particular padecia o Imperador das extremas vicissitudes da vida humana. Ele, que era o regenerador dos costumes, o restaurador das tradições mais puras da família, o maior reorganizador do Império, foi obrigado a humilhar os seus mais fundos e delicados sentimentos de pai e de soberano, lavrando um decreto de banimento de sua única filha, exilando-a na Ilha de Pandataria, por efeito da sua vida de condenáveis escândalos na Corte, sendo compelido, mais tarde, a tomar as mesmas providências em relação à sua neta. Notou que a companheira amada de seus dias se envolvia, na intimidade doméstica, em continuas questões de envenenamento dos seus descendentes mais diretos, experimentando ele, assim, na família, a mais angustiosa ansiedade do coração.

Apesar de tudo, seu nome foi dado ao século ilustre que o vira nascer. Seus numerosos anos de governo se assinalaram por inolvidáveis iniciativas. A alma coletiva do Império nunca sentira

tamanha impressão de estabilidade e de alegria. A paisagem gloriosa de Roma jamais reunira tão grande número de inteligências. E' nessa época que surgem Virgílio, Horácio, Ovídio, Salustio, Tito Lívio e Mecenas, como favoritos dos deuses.

Em todos os lugares, lavravam-se marmores soberbos, esplendiam jardins suntuosos, erigiam-se palácios e santuários, protegia-se a inteligência, creavam-se leis de harmonia e de justiça, num oceano de paz inigualável. Os carros de triunfo esqueciam, por algum tempo, as palmas de sangue e o sorriso da deusa Vitoria não mais se abria para os movimentos de destruição e morticínio.

O próprio Imperador, muitas vezes, em presidindo às grandes festas populares, com o coração tomado de angústia pelos dissabores de sua vida íntima, se surpreendeu, testemunhando o jubilo e a tranquilidade geral do seu povo e, sem que conseguisse explicar o mistério daquela onda impenetrável de harmonia, chorava de comoção, quando, do alto de sua tribuna dourada, escutava a famosa composição de Horácio, onde se destacavam estes versos de imorredoura beleza:

Oh! sol fecundo,
Que com teu carro brilhante
Abres e fechas o dia!...
Que surges sempre novo e sempre igual!
Que nunca possas ver
Algo maior do que Roma.

E' que os historiadores ainda não perceberam, na chamada época de Augusto, o século do Evangelho ou da Boa Nova. Esqueceram-se de que o nobre Otavio era também homem e não conseguiram saber que, no seu reinado, a esfera do Cristo se aproximava da Terra, numa vibração profunda de amor e de beleza. Acercavam-se de Roma e do mundo não mais espíritos belicosos, como Alexandre ou Aníbal, porém outros que se vestiriam dos andrajos dos pescadores, para servirem de base indestrutível aos eternos ensinos do Cordeiro.

Imergiam nos fluidos do planeta os que preparariam a vinda do Senhor e os que se transformariam em seguidores humildes e imortais dos seus passos divinos.

E' por essa razão que o ascendente místico da era de Augusto se traduzia na paz e no jubilo do povo que, instinctivamente, se sentia no limiar de uma transformação celestial.

Ia chegar á Terra o Sublime Emissario. Sua lição de verdade e de luz ia espalhar-se pelo mundo inteiro, como chuva de bençãos magnificas e confortadoras. A humanidade vivia, então, o seculo da Boa Nova. Era a "festa do noivado" a que Jesus se referiu no seu ensinamento imorredouro.

*

Depois dessa festa dos corações, qual roteiro indelevel para a concordia dos homens, ficaria o Evangelho como o livro mais vivaz e mais formoso do mundo, constituindo a mensagem permanente do céu, entre as criaturas em transito pela Terra, o mapa das abençoadas altitudes espirituais, o guia do caminho, o manual do amor, da coragem e da perene alegria.

E, para que essas características se conservassem entre os homens, como expressão de sua sábia vontade, Jesus recomendou aos seus apóstolos que iniciassem o seu glorioso testamento com os hinos e os perfumes da natureza, sob a claridade maravilhosa de uma estrela a guiar reis e pastores á mangedoura rústica, onde se entoavam as primeiras notas do seu cantico de amor, e o terminassem com a luminosa visão da humanidade futura, na posse das bençãos de redenção. E' por esse motivo que o Evangelho de Jesus, sendo o livro do amor e da alegria, começa com a descrição da gloriosa noite de Natal e termina com a profunda visão da Jerusalém libertada, entrevista por João, nas suas divinas profecias do Apocalipse.

II

JESUS E O PRECURSOR

Após a famosa apresentação de Jesus aos doutores do templo de Jerusalém, Maria recebeu a visita de Isabel e de seu filho, em sua casinha pobre de Nazaré.

Depois das saudações habituais, no desdobramento dos assuntos familiares as duas primas entraram a falar de ambas as crianças, cujo nascimento fôra antecedido por acontecimentos singulares e cercado de estranhas circunstancias. Enquanto o patriarca José atendia ás ultimas necessidades diárias de sua oficina humilde, entretinham-se as duas em curiosa palestra, trocando carinhosamente as mais ternas confidencias maternais.

— O que me espanta — dizia Isabel com cariñoso sorriso — é o temperamento de João, dado ás mais fundas meditações, apesar da sua pouca idade. Não raro, procura-o inutilmente em casa, para encontrar-lo, quasi sempre, entre as figueiras bravas, ou caminhando ao longo das estradas adustas, como se a pequena fronte estivesse dominada por graves pensamentos.

— Essas crianças, a meu ver — respondeu-lhe Maria, intensificando o brilho suave de seus olhos — trazem para a humanidade a luz divina de um